

**Freixeiro Mato, Xosé Ramón, *Idioma e sociedade. Sobre normalización e planificación da lingua galega*, Santiago de Compostela, Laiovento, 2020, 294 pp. [ISBN 978-84-8487-184-3].**

Dentro da dilatada obra de Xosé Ramón Freixeiro Mato, catedrático de Filologia Galega e Portuguesa na Universidade da Corunha, a gramática, a estilística e os estudos de personalidades da literatura e cultura galega contemporânea norteiam uma boa parte do seu percurso investigador. O produto dessa dedicação fica bem exemplificado com publicações tais como os quatro volumes da *Gramática da lingua galega* (1998-2003, 2ª edição em 2006), *Estilística da lingua galega* (2013) ou os traballos em que são estudadas as figuras de Antonio Noriega Varela, Castelao, Crecente Vega, Manuel María, Manuel Murguía, Rafael Dieste, Rosalía de Castro, Ricardo Carvalho Calero, Sebastián Martínez-Risco, Tomas García Barros, Uxío Novoneyra, etc. Alguns desses contributos fizeram com que Freixeiro Mato fosse galardoado em várias ocasiões, conforme aconteceu com o prémio de investigação «Ánxel Fole», ganho pela primeira vez em 1993 com *Da montaña o corazón. Producción literaria e lingua en Noriega Varela* e novamente no ano 2006 graças ao ensaio *Cucou o cuco cuqueiro. Lingua e estilo na obra de Manuel María*, ou como também sucedeu com o «Prémio da Crítica da Galiza», distinção que conseguiu com *Os marcadores discursivos. Conectores contraargumentativos no galego escrito* (2005).

A par destas linhas de pesquisa, o certo é que os estudos sociolinguísticos ocupam um espaço não menor na investigação do conhecido filólogo. Com efeito, deixando de parte os contributos dados a lume em publicações periódicas especializadas ou em trabalhos coletivos, e também não contando com textos de teor mais divulgativo dados a estampa em diversos meios impressos ou eletrónicos, livros qual *Lingua galega: normalidade e conflito* (1997, 6ª edição em 2020) ou *Lingua nación e identidade* (2006) constituem hoje em dia referências imprescindíveis no marco da reflexão filológica na Galiza. Ao mesmo tempo, títulos como *Lingua de calidade* (2009) ou *Sobre historiografía gramatical e codificación lingüística (1955-1971)*. O Epítome de gramática galega e outros textos (2017) representam estudos de central importância, nos quais a sociolinguística, no amplo marco de temáticas que abrange, se orienta para aspetos da codificação e da constituição de um modelo de língua culto adequado para o galego.

Nestes meios, coincidindo com a sexta edição de *Lingua galega: normalidade e conflito*, no ano 2020 também saiu do prelo o novo contributo de Freixeiro Mato para os estudos de sociolinguística: sob o título *Idioma e sociedade. Sobre normalización e planificación da lingua galega*, Edicións Laiovento, empresa que, com mais de 30 anos de história e mais de 400 títulos editados, sempre deixou claro o seu compromisso com a língua e com a cultura do país, acolhe estoutro atraente e compacto livro do antecitado autor. Corresponde a um texto de sumo interesse pelos assuntos que desenvolve e que, a nosso ver, está chamado a converter-se em livro de consulta obrigada para professorado de língua galega, estudantes, agentes da normalização e, em geral, para quaisquer pessoas interessadas em temáticas dessa índole ou preocupadas pelo futuro do idioma.

Quiçá o que primeiro chame a atenção deste novo título, bem como da prosa de Freixeiro Mato em geral, é o pulcro emprego que faz da linguagem, uma

caraterística que já temos assinalado noutros lugares. Efetivamente, além de os temas serem abordados de um modo claro e conciso, tão necessário numa obra desta natureza de maneira a assim chegar a um público maior, o responsável pelo livro faz gala de um modelo de galego em que o cuidado se torna num dos elementos mais evidentes. O conceito de «língua de qualidade» —ou até as suas variantes estilísticas do tipo «qualidade linguística» ou «qualidade da língua»— constitui um tipo de registo em que a preferência pelas estruturas gramaticais genuínas do idioma, o necessário aproveitamento da tradição linguística galego-portuguesa, a poderosa ajuda que representa a literatura ou a recorrência ao léxico do português quando o galego não tem vocabulário próprio se significam como os seus principais traços.

Por isso, o tipo de modelo linguístico propositadamente utilizado em *Idioma e sociedade* ilustra de maneira extraordinária a tal vontade de uso e serve como eloquente referência a aquelas pessoas que querem diariamente melhorar o emprego da língua; alguns dos elementos que definem essa filosofia assentam, por exemplo, na preferência pela próclise do pronome com infinitivos antecédidos de preposição ou conjunção («a solución non está *en se limitar* a lamentar tal situación, nin *en se meter* nunha urna», p. 157); na utilização, como recurso estilístico, da interpolação pronominal, hipótese considerada já por Saco Arce na sua *Gramática* de 1868 uma caraterística morfossintática muito elegante ou ainda sentida como típica por Pérez Ballesteros no seu cancionero de 1885-1886 («face a outras variedades que *o non son*», p. 115); no emprego consciente do futuro do conjuntivo, tempo verbal que na atualidade singulariza o domínio linguístico galego-português («En canto isto non *for* posíbel», p. 75); no uso do infinitivo flexionado, sem qualquer género de hesitações um dos elementos mais idiossincráticos da nossa língua, já presente nos primeiros textos medievais conservados («fan o esforzo de *aprenderen* galego para mellor se *implicaren* na nova sociedade», p. 156); na utilización do infinitivo xerundial («*A redundar* aínda en cuestións terminolóxicas», p. 23); na preferência por determinadas fórmulas discursivas («aliás», «ben como» antes que «así como», «face», «embora» a par de «aínda que», «mais» melhor que «pero», «por súa vez», «por seu turno», etc.). Desta forma, o autor combate exemplarmente uma das sombras que ameaçam o galego no próprio território, como é «a progresiva descomposición das súas estruturas internas», perigo que vira «posíbel deter e mesmo rectificar» (p. 7), enquanto defende, congruentemente, que o «prestixio é necesario para a revitalización dun idioma e só se pode conseguir desde a calidade e a autenticidade» na utilização da língua (p. 105).

Outro dos acertos do livro, do nosso ponto de vista, parte da atenção que dedica a temas de natureza tanto histórica (com repercussões nos tempos presentes) quanto a assuntos da mais estrita atualidade. Entre aqueles, sobressai o processo de elaboração da variedade padrão, um caminho que começou a ser transitado em finais do século XIX e que chegaria até à seguinte centúria, onde salienta nomeadamente o seu derradeiro terço com as diferentes propostas normativas resultantes do citado processo. Torna-se de interesse não perdermos de vista essa visão histórica para entendermos a dimensão social de um standard. Assim, o que noutras línguas foi desenvolvido como o passar dos séculos, qual é o caso do espanhol, francês ou inglês, para o galego reduziu-se unicamente

a umas dúzias de anos, com as subsequentes hesitações e fricções que daqui derivaram. Como quer que seja, a existência de uma norma modelar contribui para dotar a língua de prestígio, ao passo que serve para frear a variação no eixo territorial e social, segundo muito bem sintetiza o autor (pp. 102-103) quando refere as «consecuencias na comunidade lingüística».

No tocante a temas mais próximos dos nossos dias, devemos ponderar o tratamento das principais ameaças a que se hoje enfrenta o galego, isto é, o crescente abandono por parte das gerações mais novas e a gradual hibridação com o espanhol, sobretudo na oralidade. A língua conta hoje com importantes gramáticas, dicionários pensados para públicos diversos, atlas linguísticos, estudos pormenorizados sobre determinadas temáticas, etc., o que faz com que se possa situar, em termos epistemológicos, quase ao mesmo nível do que outros idiomas tanto geográfica quanto estruturalmente próximos. O galego, a este respeito, conseguiu avançar a um ritmo surpreendente se comparado com o estado da arte em tempos não excessivamente longínquos, como as décadas de 70 e 80 do passado século. Em confronto, ganhando reconhecimento académico internacional e estando estudado com as mais altas quotas de rigor científico, vê desaparecer, a velocidades vertiginosas, a sua massa de falantes, quando menos nos territórios em que emergiu na Alta Idade Média o iberorromance ocidental. Na atualidade, e pela primeira vez na sua história, o idioma não é maioritário na Galiza, já que o seu espaço passou a ser ocupado pelo espanhol, que unicamente nuns anos antiñgiu essa marca. Perante tal situação, Freixeiro Mato indica no início do capítulo três que principia «o século XXI co galego dominando só entre as clases populares e a xente idosa», isto é, afastado de faixas das elites dirigentes económicas e sociais, da sociedade urbana e dos coletivos de idade mais novos.

Quanto à organização interna da obra, o livro é estruturado em três capítulos centrais e finda com um quarto que agrupa as principais conclusões que se podem tirar daqueles. No primeiro, intitulado «Lingua, sociedade e planificación lingüística» (pp. 13-86), o autor começa com uma parte introdutória na epígrafe «Lingua e sociedade» (p. 13-16) na qual se deixa claro que a «linguaxe é unha característica específica» das pessoas, que «as linguas poñen en evidencia o carácter social» de homens e mulheres ou que cada uma «das linguas existentes no mundo é produto das necesidades comunicativas da colectividade de persoas que a falan» (p. 13). Despois transita os caminhos de secções qual «A planificación lingüística» (pp. 16-32), em que se ocupa da sua origem e definição, das suas tipologias e dos seus degraus. A seguir figura uma parte específica destinada à «Normalización e planificación da lingua galega» (p. 32-45), em que o filólogo consagra algumas páginas aos sentidos da dita normalização, às origens e à evolução desse processo no caso do galego e inclusive à planificación do léxico; sobre este particular, assinala-se como as fontes a que foram beber os agentes da planificación se caracterizaram pela sua diversidade, já que se tem acudido à época medieval, às variedades dialetais, ao espanhol, ao inglês e ao português, embora esta última possibilidade, mesmo sendo a recomendada pelas atuais *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego* (doravante NOMIG) não fosse nem seja «aproveitada convenientemente, ben por falta de convencimento ou de vontade das persoas que planifican a lingua» (p. 43). Como bem indica o título, as NOMIG tratam unicamente de questões ortográficas e morfemáticas e

é por isso que o facto de se censurar a penetração de vocabulário português nos campos lexicais e semânticos em que se detetavam lacunas constituiu uma medida, a nosso ver, pouco merecedora de aplauso: por que não abrir a alfândega a vozes como *paseo* (port. *passeio*) em vez do neologismo *beirarrúa*, a *romeno* (port. *romeno*) em lugar de *romanés* (tirada do catalão) ou, mais recentemente por causa da pandemia, a *surto* (proveniente do português) em vez de *gromo*? A seguinte secção do primeiro capítulo leva por nome «O proceso de elaboración da lingua galega» (p. 45-45) e nela o autor oferece uma panorâmica sobre a proposta de elaboração «evolutiva», base do atual modelo standardizado, e uma perspectiva da elaboração denominada por Freixeiro Mato «involutiva», na qual se explica a alternativa reintegracionista. Já a quinta e derradeira parte deste capítulo concede atenção, sob a epígrafe «O binormativismo como hipótese» (56-86), à possibilidade de o galego contar com um duplo standard, quer dizer, a atual norma em vigor na Galiza e o padrão português, para o qual o autor cita como exemplo o norueguês, em que coexistem dois modelos de estandarização; ter-se-ia, portanto, uma «norma nacional», oficial, reconhecida no território da atual Galiza e que corresponderia à presentemente vigorante, e uma outra «internacional», ainda «pendente de reconhecimento» (p. 81), que seria o português; as vantagens deste sistema binormativista, em harmonia com Freixeiro Mato, parecem mais numerosas que os argumentos contrários: em primeiro lugar, aglutinaria todas aquelas pessoas, organismos e instituições que, mesmo a terem visões diferentes do que tem de ser a variedade padrão, trabalham diariamente pela sobrevivência do galego e para este recobrar o prestígio de outras épocas; em segundo lugar, abriria as portas do mundo da lusofonia à Galiza, um âmbito a que pertence por pleno direito por a língua ter nascido na antiga província romana da Gallaecia, depois convertida no primeiro reino peninsular com a monarquia sueva no século v; em terceiro lugar, serviria para combinar a grande dose identitária da atual variedade das NOMIG com a projeção internacional que facilitaria o padrão lisboeta; e em quarto lugar, até para as pessoas utentes das NOMIG, seria valioso para a utilização de um modelo de língua mais autêntico e mais condicente com a tradição linguística galego-portuguesa, já que o conhecimento da variedade standard de Além-Minho poderia servir como modelo gramatical e lexical para tal propósito.

O segundo capítulo, «Norma, usos e variación» (pp. 87-192), é o mais extenso e nele figuram umas secções específicas dedicadas ao que significa «A norma linguística» (pp. 89-110), parte em que se desenvolvem assuntos relativamente aos conceitos de norma social e norma linguística, aos tipos de norma linguística, às consequências da existência desta para o prestígio da língua a nível social ou à origem e às vantagens da norma; com efeito, a norma galega é produto de circunstâncias muito concretas e, em confronto com outras línguas, responde a uma base polidialetoal, sem assentamento numa única variedade diatópica (contrariamente ao francês, inglês, italiano ou português, cujas normas provêm de uma só modalidade territorial: respetivamente, falares da região de Paris, de Londres, da Toscana ou da Estremadura portuguesa). A seguinte secção do capítulo intitula-se «A normalización dos usos lingüísticos» (pp. 110-131) e trata de temáticas como o critério do que é correto e do que não (em termos gramaticais e lexicais), o caso da linguagem técnica e especializada e o

da normalização terminológica (âmbitos onde, na nossa opinião, e a harmonizar assim com as ideias expostas por Freixeiro Mato e com a teoria recolhida nas páginas preludiais das NOMIG, o português deveria ser a principal recorrência para a procura de vocabulário inexistente no galego). A terceira secção, «A variación lingüística e a interferencia» (pp. 132-172), encarrega-se dos tipos de variação linguística determinados por diversos fatores (territoriais, sociais, etários, vinculados ao género ou sexo, geracionais, etc.), da fotografia das variedades existentes na Galiza entendida como «un mosaico» (p. 137-144), das modalidades de língua oral, da erosão do espanhol no galego popular e coloquial e do fenómeno do neofalantismo, verdadeira esperança para o futuro da língua. Na quarta parte, epigrafada «A relación entre lingua falada e lingua literaria» (pp. 172-192), figuram temas como as interessantes relações entre o galego escrito contemporâneo e os falares populares, o confronto de noções qual ‘galego popular’ e ‘galego literário’ como origens do conflito normativo ou a fidelidade à oralidade tradicional e popular como fundamento da escrita literária; aqui o autor cita o caso de escritores e escritoras que, conscientemente, basearam a estética literária na língua oral, permitindo a entrada a fenómenos dialetais, coloquiais, populares e, também, de origem castelhana, ao passo que outras autoras e autores, na medida das suas possibilidades e a termos muito em conta o grau de conhecimento existente sobre o galego, decidiram contrastivamente deixar de parte esses traços orais e optarem por um registo menos proclive a eles.

Quicá as partes deste segundo capítulo sejam, a nosso entender, das mais atraentes de todo o livro. Nelas são desenvolvidas, junto às outras temáticas já afloradas com anterioridade, assuntos relativos a como as estruturas gramaticais do galego, o seu léxico e a sua fonética caminham pelas veredas da aproximação às correspondentes do espanhol. Estamos perante um processo que, se se não atalhar com tempo, pode transformar a língua apenas numa lembrança do passado para a converter numa caste de castelhano regional com exotismos vocabulares derivados da gastronomia mais recorrente (com léxico do tipo *cachelos, choupa, loureira, treixadura*, etc.), da cultura e vida tradicionais (*albeiro, chousa, corredoira, foliada, fraga, loaira, meiga, polavila*, etc.) e de alguns topónimos e/ou antropónimos dificilmente barbarizáveis ou traduzíveis (*Aira, Aldán e Aldao, Cacheiras, Ferreira, Fontenla, Pontevedra, Seoane, Soutelo*, etc.). Contra toda esta confluência põe o acento o livro de Freixeiro Mato não implícita e unicamente na elegância do modelo de língua que utiliza, já comentado mais acima, mas também ao dedicar no capítulo diversas secções a essa problemática: aqui pode ler-se, por exemplo, que na língua oral «popular están os trazos máis xenuños e tradicionais, mais tamén penetraron moitas interferencias da lingua teito» (p. 154), as quais devem ser, na medida das nossas possibilidades, progressualmente secundarizadas ou eliminadas.

«Discursos sobre a lingua na procura da normalización» (pp.193-252) é o terceiro dos capítulos e, como o seu título cataforiza, podemos assistir a óticas diferentes e até encontradas sobre os modelos de normalização e sobre que vai acontecer com o galego nos próximos decénios. Após umas palavras liminares, nas quais Freixeiro Mato principia a assinalar que, depois do «suxerido nalgumas partes dos capítulos precedentes, as perspectivas de futuro para a lingua galega non parecen as melloras» (p. 193), o que atualmente quase ninguém põe

em dúvida, achamos a primeira das secções, «Discursos optimistas e pesimistas na era da globalización» (pp. 194-208), seguida de «O discurso identitário» (pp. 208-213), da secção «Bilingüismo e asimilación» (pp. 213-223), de «Monolingüismo ou plurilingüismo» (pp. 223-230), de «Sesquilingüismo vs. imperialismo lingüístico» (pp. 230-243) e da derradeira das secções, intitulada «Ecolingüismo e dereitos humanos e lingüísticos» (pp. 243-253). A leitura desta terceira parte dá voz a perguntas à volta do futuro da língua num contexto internacional cada vez mais mundializado, brutalmente encaixado em modelos de produção macroeconómica neoliberais que pouco ou nenhum respeito demonstram por aquilo que não for geral ou maioritário (incluídas as línguas e as culturas minoradas), enquanto também proporciona voz a reivindicação dos direitos lingüísticos como parte essencial dos direitos do ser humano.

As «Conclusionés» (pp. 255-261) põem o ramo ao texto, a sintetizarem as principais ideias que foram sendo desenvolvidas e vão seguidas, finalmente, de umas completas «Referencias bibliográficas» (pp. 262-292), as quais ilustram um adequado diálogo entre trabalhos clássicos e estudos recentes. Sabemos de importantes obras de conteúdo sociolingüístico ou gramatical em que o mérito do trabalho é tão notório quanto escassa a referenciação da literatura especializada sobre a matéria, a qual quase não fica recolhida. Não é este o caso de *Idioma e sociedade*, em que o autor emprega e inclui no final todos os títulos utilizados para darem forma à obra: aparecem aí assinalados, portanto, quer os textos clássicos de referência, quer aqueles outros mais recentes embora representativos na disciplina. Deste modo, encontramos-nos pelas páginas do livro com o magistério de Carvalho Calero, Fishman, Haugen, Kloss, Rodrigues Lapa, etc. a par de autores e autoras que desempenham o seu trabalho pesquisador na segunda decena do atual século XXI. Ainda que, como é lógico, a maioria das referências pertença aos nossos tempos, o produto final torna-se harmonioso a termos em conta a afluência de contributos de outras épocas com textos recentes. Há que assinalar, como mais uma característica da bibliografia, o facto de esta incluir o nome completo das pessoas responsáveis pelos trabalhos, prática que facilita visibilizarmos se a autoria corresponde a uma mulher ou a um homem; outros sistemas de referenciação, embora igualmente congruentes e legítimos, secundarizam este aspeto, cuja consequência se traduz na ocultação do sexo de quem redigiu a obra.

Enfim, queremos concluir as nossas palavras dando os parabéns ao autor por nos presentear com este novo traballo, que sem dúvida, como muitos da sua autoria, se tornará num contributo de obrigada leitura para as pessoas interessadas na normalização e na planificação da obra de arte coletiva mais importante do povo galego, que é a língua. Por último, também é de justiça reconhecermos o labor de Laivento, empresa que, conforme dissemos mais acima, faz manifesto encómio do seu compromisso com o país dando a lume, entre outras muitas, obras como esta assinada por Xosé Ramón Freixeiro Mato.

Xosé Manuel Sánchez Rei  
Universidade da Coruña